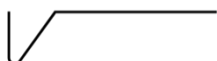


Sob o céu do Brasil: vidas palestinas em São Paulo



Alessandra El Far¹

Pedro Pacheco²

Este relato fotográfico, mescla de texto, depoimento e imagem, foi inspirado no livro de Edward Said *After the last sky: palestinian lives* (*Depois do último céu: vidas palestinas*), publicado em 1986, até o momento sem tradução para o português. Essa obra, que resulta da parceria de Edward Said com o fotógrafo suíço Jean Mohr, tem por propósito substituir as habituais representações dos palestinos, que, sobretudo na mídia ocidental, tendem a reduzi-los a estigmas relacionados à violência, à irracionalidade e ao atraso para colocar em seu lugar a “complexa realidade de sua existência” (Said, 1999, p. 6). Ambos pretendem, com isso, “dizer algo ainda não dito sobre os palestinos” (*Ibid.*, p. 4). Para isso, a escrita vigorosa de Said e as fotografias reveladoras de Mohr, tiradas entre os anos de 1979 e 1984 na Cisjordânia, Jordânia, Síria, Líbano e Israel, adotam um gênero textual híbrido, fragmentário, que intercala escrita e imagem. Um estilo capaz de expressar, de acordo com Said, algumas das principais características que marcam o destino do povo palestino: descontinuidade, dispersão e exílio.

¹ Professora associada de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: el.far@unifesp.br

² Fotógrafo e professor de fotografia no Centro Paula Souza. Fez graduação em Artes Visuais e pós-graduação no Senac. E-mail: pedropacheco.mello@gmail.com

As palavras “After the last sky” referem-se à frase do poeta palestino Mahmoud Darwish, no poema “The earth is closing on us” (“A terra está se fechando sobre nós”), que indaga: “Where should we go after the last frontiers, where should the birds fly after the last sky” (“Para onde devemos ir após as últimas fronteiras, para onde devem os pássaros voar depois do último céu?”). Esta pergunta, escolhida como epígrafe do livro, não traz uma resposta imediata e nos convida a pensar nas venturas de um povo expulso de seu país. É também no interior dessa “fratura incurável” (Said, 2003, p. 46), denominação escolhida para definir a experiência do exílio, que Said se apropria das fotografias de Mohr para percorrer a experiência palestina em diferentes lugares no mundo árabe, seja em cidades, vilas ou campos, seja em espaços precários dados de empréstimo aos refugiados.

Com a intenção de apresentar os palestinos como pessoas imbuídas de histórias reais, Said e Mohr nos convidam a olhar cenas de rua, visitar escolas e lojas, observar o trabalho no comércio, nas fábricas e nas colheitas das fazendas, imaginar a devoção religiosa no silêncio da mesquita, conhecer as atividades profissionais de mulheres médicas, cientistas, educadoras, transpassar as portas dos ateliês de artesãos e artesãs, flagrar brincadeiras de crianças, jogos em praças, a prática do esporte, entrar nas residências e ver a mesa posta e a comida oferecida aos convidados, e folhear o álbum de família, dispondo em nossa consciência histórias e cotidianos entremeados por experiências, desafios, afetos e sonhos.

A ambição de Said, não apenas em *After the last sky*, mas também em outros de seus escritos, como “Permission to narrate” (1984) — “Permissão para narrar” (2025) — e *Out of place. A memoir* (1999) — *Fora do lugar. Memórias* (2004) —, sua autobiografia, repousa no desejo de documentar a existência palestina, salientando a importância de vermos, ouvirmos e lermos textos e imagens produzidos por palestinos que representam a si mesmos. Este relato fotográfico, por sua vez, mesmo ciente de suas dimensões modestas, tanto na forma quanto no conteúdo, procurou seguir a trilha deixada por Said e Mohr, a fim de prover um espaço de fala e registro a algumas das famílias palestinas, que passaram a fazer parte da história brasileira com o início da guerra na Faixa de Gaza, entre o Hamas e o exército de Israel, em 7 de outubro de 2023. Esse trágico evento mobilizou o governo do Brasil a trazer para o país brasileiros e familiares diretos, que chegaram, primeiramente, em três voos da Força Aérea Brasileira, de outubro a dezembro de 2023. Após aterrizarem em Brasília, uma

parte significativa dessas pessoas foi levada para um alojamento no interior de São Paulo, próximo à cidade de Morungaba, onde este relato fotográfico também tem seu início.

Antes, contudo, é preciso dizer que as entrevistas feitas, por mim, e as fotografias tiradas por Pedro Pacheco apenas foram possíveis graças à generosa companhia de um amigo em comum: Jorge Fouad Maalouf. Sabíamos que ele tinha participado, como psicólogo, a pedido do governo brasileiro, da equipe dos profissionais da saúde que cuidou desses repatriados em suas primeiras semanas no país. Sua vontade de rever as pessoas que ele atendeu, em um momento para elas de grande sofrimento, possibilitou o breve trabalho de campo, que intitulamos “Expedição Palestina”, formada, assim, por um psicólogo, filho de libaneses e fluente na língua árabe, cujas traduções durante muitas das entrevistas foram imprescindíveis para nós, um fotógrafo simpático à cultura palestina, e eu, professora de Antropologia e filha de um palestino de família cristã, que teve que deixar seu país natal em 1948 e nunca mais pôde retornar.

No curso da nossa expedição, pedimos licença para entrar na casa de três famílias, que hoje vivem na cidade de São Paulo, e conversamos com outras três, que ainda residem até o momento nas dependências da instituição Vila Minha Pátria, em Morungaba, interior do estado. Em todos esses espaços, encontramos pessoas que nos receberam com genuína hospitalidade e mostraram-se abertas a falar de suas vidas na Faixa de Gaza e, neste novo momento, no Brasil. A elas, expressamos nosso sincero agradecimento.

A chegada

O primeiro grupo de repatriados, com 32 pessoas, chegou em Brasília no dia 13 de novembro de 2023. Nele estavam 6 homens, 9 mulheres e 17 crianças. Juntamente com as recepções oficiais e os encaminhamentos necessários, o governo brasileiro disponibilizou cuidados médicos e amparo psicológico. Por ter ao meu lado um dos psicólogos que havia atuado diretamente no atendimento desses repatriados, em vez de esboçar um texto que aludisse a esses momentos iniciais, solicitei a Jorge Fouad Maalouf um curto depoimento, que ele mesmo escreveu.

A coordenadora de saúde mental da Força Nacional do SUS, Débora Noal, entrou em contato comigo em outubro de 2023, e me convidou para participar na Missão de Repatriação de Gaza, por ser psicólogo e falar árabe. Após várias datas previstas, o primeiro grupo com 32 pessoas

chegou ao Brasil pelo avião da FAB. O voo aterrissou no aeroporto de Brasília, em 13/11/23, às 23:30hs. Tínhamos poucas informações sobre como os passageiros estavam. Eles foram recebidos pelo presidente da República e levados a um salão para as boas-vindas em árabe, e sondagem de quais pessoas estariam necessitando de cuidados imediatos de saúde em geral e mental. Depois disso, permaneceram dois dias em um hotel da FAB.

Minha função como psicólogo, fluente em árabe, foi oferecer familiaridade e conexão para estas pessoas que estavam vivendo uma situação de ruptura, tendo deixado para trás familiares e também amigos próximos, que não puderam partir, gerando para alguns culpa de os terem deixados lá. A maioria não compreendia o português, apesar de terem relação familiar próxima com alguma pessoa nascida no Brasil.

No primeiro dia após a chegada, acompanhei sete crianças e suas mães, no hospital da FAB. No dia seguinte, todo o grupo foi levado para um local de acolhimento no interior de São Paulo, onde eu e outros profissionais da saúde do SUS os acompanhamos por duas semanas. Conosco, eles compartilharam experiências de casas que foram destruídas, mostrando, em fotos, o medo de várias situações que passaram, de quase morte. Mostram a precariedade, falta de comida, a água com sal. Situações que deixaram marcas, estados de alerta, de angústia, que num primeiro momento no Brasil, manifestaram-se como paralisação, revolta, agressividade, retraimento. Sentiam-se destruídos, vivendo as consequências de uma ruptura com a língua, os costumes, as raízes, as comidas. Estavam sentindo uma experiência de orfandade.

O estranhamento foi vivido com muito sofrimento, marcado por um movimento de isolamento e solidão. O desânimo, a decepção, a depressão manifestaram-se intensamente. Tendo em vista que todos eram muçulmanos foi importante oferecer tapetes para que pudessem rezar, conforme sua tradição. Foram oferecidos também comidas, temperos e sabores para que pudessem se conectar com suas raízes.

Após um ano e oito meses foi muito significativo e encantador revê-los numa situação mais favorável, integrados, circulando no cotidiano com vivacidade, sonhos e planos futuros. Avalio que o trabalho inicial favoreceu o acolhimento e a sustentação necessária para conseguirem dar continuidade a suas vidas no Brasil.³

Entre culturas

No decorrer das entrevistas, realizadas entre os dias 15 e 19 de julho deste ano, quase todos mostraram para nós, em seus celulares, fotografias de suas casas — a frente do prédio, o interior dos quartos, a cozinha e a sala — e, em seguida, outras imagens que atestavam

³ Depoimento escrito por Jorge Fouad Maalouf, em 24 de julho de 2025.

que agora, naquele lugar, só restam ruínas. Antes da guerra, todos disseram que tinham uma vida com casa, família, trabalho, amigos, cotidiano e lazer. Apesar das restrições impostas por Israel, que limitavam suas atividades e liberdades, tinha-se, sublinharam, uma vida.

Mohammed Farahat, casado com Hadil Farahat, trabalhava em uma organização de ajuda humanitária em Gaza. Ele chegou ao Brasil, com sua família, no primeiro voo dos repatriados. Já com alguma fluência em português, disse-nos:

Nós tínhamos nossa casa. Antes da guerra tínhamos um vida normal, meus filhos iam para a escola, conversavam com amigos, com outras famílias palestinas, jogavam na rua, liam livros. Havia serviços. Mas, depois com a guerra ficou muito difícil.

Agora não temos mais casa lá. Nossa casa foi bombardeada. Tudo. Nós saímos de casa antes de ser bombardeada, duas horas antes. Se não tivéssemos saído, nós teríamos morrido. Agradecemos, porque estamos vivos aqui.

Quando chegamos aqui, este tempo, foi muito difícil para nós, porque tínhamos saído da guerra, nossa psicologia estava muito ruim. As pessoas nos ajudaram bastante. Agora entendemos que vida não vai acabar, e estamos olhando para todas as coisas boas aqui no Brasil.

Mohammed nos mostrou uma imagem do prédio em que morava, hoje completamente destruído, e enfatizou: “Essas roupas, que se vê, eram nossas”. Atrás dele, vemos um jardim, que ele mesmo cultivou, com avencas e vasos de violeta (Figura 1).

Figura 1 – Mohammed Farahat.

Enquanto conversávamos, sua esposa, Hadil, gentilmente nos serviu chá preparado de acordo com a tradição palestina, acompanhado de tâmaras. Ela nos disse que, no Brasil, “o povo é muito afável, as pessoas são boas” e que “aqui não tem discriminação”. Em Gaza, completou “eu trabalhava como secretária em uma escola. Era uma escola grande. Gostaria de voltar a trabalhar” (Figura 2).

Figura 2 – Hadil Farahat.



A mãe de Hadil, Shefa Dwak, foi a única pessoa, dos nossos entrevistados, cuja casa não havia sido completamente destruída (Figura 3). Disse-nos:

Com a guerra, tivemos que sair das casas, ficou muito difícil. Minha casa ainda existe lá, está danificada. Tem pessoas morando na casa. Eu espero que a guerra termine. A vida inteira nossa história é de guerras. Nós construímos e depois tudo é destruído.

Figura 3 – Shefa Dwak.

Muito nos foi dito sobre o sentimento de agradecimento pelo acolhimento do governo brasileiro que os tirou do cenário trágico da guerra. Estar no Brasil significa, para eles, “segurança”, uma palavra que ouvimos repetidas vezes. Significa, igualmente, um contínuo esforço de entender e dialogar com o novo contexto cultural, distante dos costumes palestinos. Apesar de laços familiares diretos com alguma pessoa nascida no Brasil, poucos, antes da chegada ao país, tinham familiaridade com a língua portuguesa ou com particularidades da cultura brasileira.

De modo curioso, foi na conversa com os mais jovens que as diferenças entre esses dois universos culturais ficaram mais evidentes. Tala Farahat, filha de Mohammed e Hadil, que já frequenta a escola no Brasil há quase dois anos, nos conta em português:

Tenho 18 anos. A escola em Gaza é muito diferente daqui. Lá são cinco ou seis horas por dia, aqui é mais. Na escola na Palestina, todo mundo fala árabe, não tem ninguém que fala português e não tem ninguém que fala inglês. Lá eu estava nas matérias de islâmico na escola, aqui só quando eu vou para a mesquita. Aqui todo mundo fala português. Lá eu estudo a língua árabe, aqui não tem, só a língua do português. A guerra veio. Não tenho ninguém dos meus amigos palestinos aqui. Se Deus quiser, eu vou ver eles de novo. A família da minha mãe está aqui, mas a família do meu pai está tudo lá, meus tios e primos, isso é difícil. Mas aqui a vida é melhor para mim. Na Palestina, é pior. Na escola, aqui eu gosto da matemática. Se Deus quiser, eu vou para a faculdade estudar Farmácia.

Já sua irmã mais nova, Somaya, nos disse, vestindo uma camiseta do Botafogo: “Tenho 14 anos. A escola é muito boa e gosto de tudo. Em Gaza, as roupas são muito diferentes, lá as pessoas usam hijabe. Eu gosto de matemática” (Figura 4).

Figura 4 – Tala, Somaya e Adam Farahat.



A apreciação brasileira pela comida árabe veio à tona em diversas ocasiões. Falamos de temperos, sabores e pratos como arroz com lentilhas e carne, esfirra, falafel, charuto de folha de uva, coalhada seca, e do pão palestino, que aprendemos ser diferente do sírio. Soubemos que Gaza é famosa no mundo árabe por seus doces. Não por acaso, em todas

as visitas que fizemos, doces árabes tradicionais nos foram servidos. Ouvimos sobre a vontade de alguns em poder abrir um negócio ou comércio de comida árabe. Como Akram Alzebda, que nos conta em diálogo com sua esposa, Sufyan Alzebda, e Mohammed Farahat:

Akram Alzebda: Faz dois meses que vim e faz quase dois anos que a guerra começou. Eu morava em Gaza e lá eu trabalhava em uma agência de turismo e correios. Eu tinha uma casa e foi destruída. Eu tinha um carro. Em novembro de 2024, minha casa foi bombardeada e desmoronou. No começo da guerra, conseguíamos ir para lugares mais seguros que não tinham sido atacados, depois não dava mais.

Eu já havia vindo para Foz do Iguaçu, onde nasceu um filho meu, que hoje tem 2 anos e 2 meses, graças a ele, pude vir ao Brasil. Eu tenho 29 anos. Tenho três filhos. Eu gostaria de abrir uma loja de comida, principalmente doces. Doces árabes. Os brasileiros gostam de carnes e doces.

Mohammed Farahat: Isso é uma esperança para nós.

Sufyan Alzebda: Aqui, as pessoas pensam muito em comida e gostam da comida árabe. Fazer comida árabe vai pra frente aqui, traz prosperidade.

Em Gaza, antes da guerra se vivia, com a guerra piorou. Antes da guerra, tínhamos casa, segurança, podia-se circular normalmente, as crianças iam para a escola, o marido tinha trabalho. Tinha reuniões familiares, festas, restaurantes, sorvete. Graças a Deus que a gente conseguiu vir para cá e estar vivo. Agradeço ao governo brasileiro.

Um dos filhos de Akram e Sufyan, Amir Alzebda, nos contou as palavras em português que já sabe falar: “bom dia”, “boa noite”, “comida”, “bola”, “obrigada” e “água” (Figura 5).

Figura 5 – Sufyan e Akram Alzebda com seus filhos: Omar, Amir e Haya.



A vida na guerra e nas tendas

Embora tivéssemos, durante as entrevistas, vivenciado momentos alegres, em que compartilhávamos nossas visões sobre esse lugar de encontro entre as culturas árabe e brasileira, como pano de fundo estava, sempre e de modo irremediável, o sofrimento causado pelas guerras, em especial, por esta última. Há décadas, a Faixa de Gaza convive com as restrições de Israel, que se tornaram mais abrangentes, a partir de 2007, com o controle do espaço aéreo e marítimo, e das fronteiras terrestres, conferindo domínio sobre o ir e vir de mercadorias e pessoas. Com a família de Ramadan Hasan Abdou e Reem Said Rabee Rabee, que chegaram ao Brasil como repatriados, graças a uma filha do casal nascida no Brasil, conversamos sobre as rupturas e inseguranças, que se intensificam nos períodos de conflito.

Ramadan: Eu sou Ramadan Abdou. Nasci em 1994. Sou casado com Reem Said Rabee. Eu vivia no centro de Gaza. Nós trabalhávamos. Eu trabalhava em uma empresa da prefeitura de Gaza. A minha esposa fez faculdade de educação para ser professora e trabalhou com o ensino essencial. Eu tenho 30 anos e já vivi quatro guerras: 2008, 2012, 2014 e 2023. Há bombardeios e pessoas feridas.

Reem: Em Gaza, eu trabalhava na escola das 7h ao meio-dia. Além da escola, eu dava aula de reforço para as crianças e era voluntária da Cruz Vermelha. Eu ia nas casas que haviam sido danificadas e registrava o problema que tinha acontecido e que tipo de ajuda era preciso. Nas guerras, não ficávamos com falta de luz como nesta última. Era permitido entrar o gás. Mesmo quando não tinha guerra, tínhamos muitas restrições; luz quatro horas por dia. Tínhamos que nos organizar neste tempo para recarregar a bateria do celular, lavar roupa. Temos restrições há muito tempo, mas nas guerras fica mais difícil. Há muito aumento de preços. As escolas são destruídas e precisam ser reconstruídas.

Ramadan: Em Gaza, as crianças iam para a escola um dia e ficavam uma semana sem ir. Aqui vão com frequência. Estão em uma escola da prefeitura. O povo brasileiro é amoroso e gosta de crianças. Gostam dos árabes. Na minha chegada, as pessoas foram solidárias e receptivas. Hoje estou trabalhando na porta de um restaurante no Brás com a função de trazer clientes para o estabelecimento (Figura 6).

Figura 6 – Os adultos da esquerda para a direita: Reem Said Rabee Rabee, Inshirah Abed, Ramadan Hasan Abdou, Alaa Abdou e os 5 filhos de Ramadan: Ayan e Aylin (colo), Khaled, Alaa e Inshirah (sentados).



Neste, e em outros momentos, falou-se também dos sentimentos de angústia causados pela perda de pessoas próximas e pela constante preocupação com os parentes que ficaram na guerra, residindo em tendas improvisadas sem contar com a infraestrutura necessária à sobrevivência humana.

Noura Aljamal, viúva e mãe de dois filhos, nos disse: “Eu me sinto angustiada de estar no Brasil e minha família em Gaza. Eu gostaria de trazê-los para o Brasil. Se não for possível, ao menos, tirá-los de Gaza para eles irem para o Egito ou a Jordânia” (Figura 7).

Figura 7 – Noura Aljamal.



A situação precária das tendas, que têm servido de abrigo para boa parte da população de Gaza, foi amplamente relatada para nós. Os entrevistados enfatizaram a ausência de banheiros, o chão de areia, o calor insuportável no verão, o frio no inverno, a

água que entra durante o período das chuvas, o banho com a água do mar, o medo de possíveis bombardeios e o receio de ataque de cobras durante a noite. Somado a isso, a falta de remédios, energia elétrica, comida, gás para cozinhar e água potável. Alaa Ramadan Hasan Abdou, que havia chegado há dois meses no Brasil e já estava instalada com sua família na cidade de São Paulo, ficou um ano e três meses vivendo em tendas. Elas nos disse, com a voz embargada:

Saí de Gaza e fui para Khan Younes para passar a fronteira. Depois fui para Rafah e tive que voltar para Gaza novamente. Nesse tempo, passei de uma tenda para outra. Aqui é um lugar bonito, pode-se dormir. Lá não. A vida é difícil, nem animais aguentariam aquela situação das tendas. Nas crianças começam a surgir doenças de pele. Na tenda, ficávamos minha irmã, eu e as crianças. Havia mais ou menos, no entorno, 50 famílias. Antes da guerra, eu tinha uma casa. Era modesta, mas era uma boa casa, e eu levava minha vida.

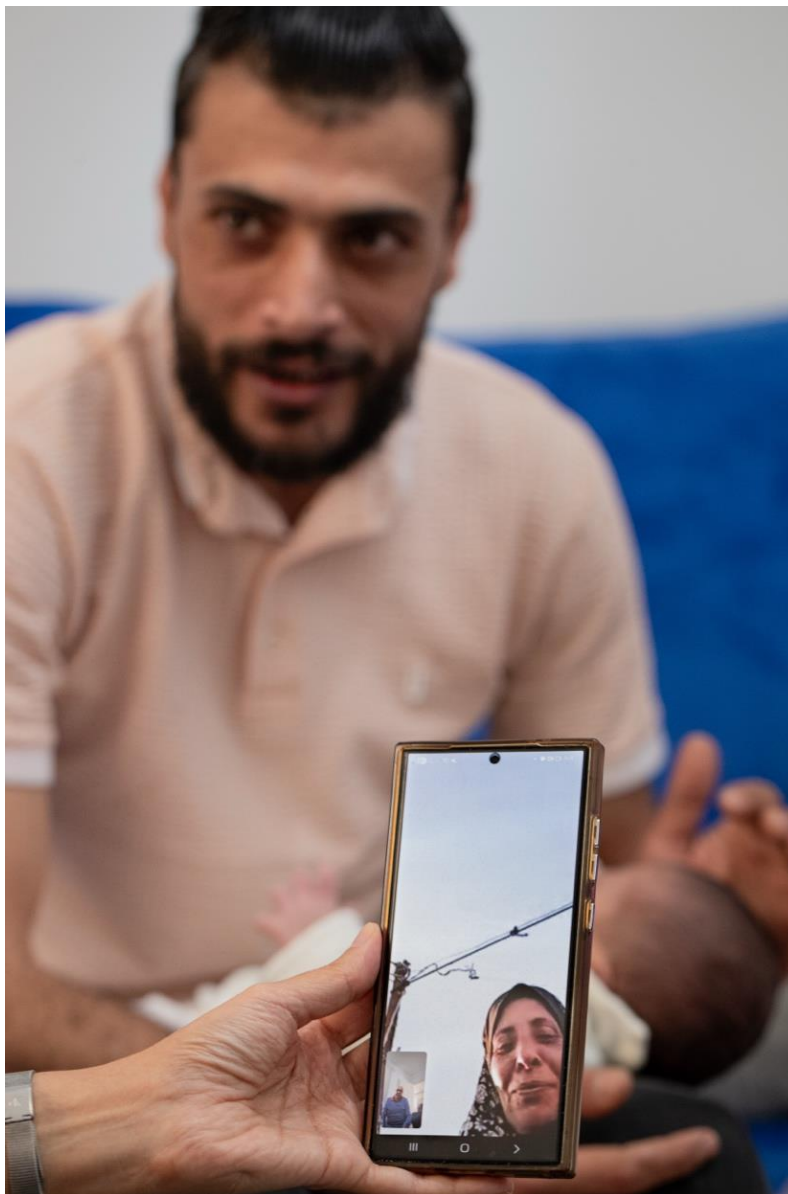
Entre os muitos depoimentos sobre a difícil vida nas tendas, houve um que nos surpreendeu completamente. Em visita à casa de Mahmoud Mazen Rabah Hammad e sua esposa, Rawan Saical Rabee Rabee, iniciamos nossa conversa sobre a vida que tinham em Gaza antes da guerra e a vinda ao Brasil. Mahmoud tinha uma empresa, que, com a guerra, “virou pedras”. Quando perguntamos sobre o período em que viveram com suas famílias nos abrigos, Mahmoud disse, sem hesitação, “querem saber como é a situação nas tendas? Vou mostrar para vocês”. E, nesse momento, ele fez uma ligação de vídeo, pelo celular, para seus pais e seu irmão — que até a escrita deste texto ainda estavam em Gaza, sem conseguir sair da região.

Sua mãe surge na tela do telefone, e ele pede: “fala para eles como é a vida aí”. Sua mãe, com o próprio celular, nos mostra as tendas ao redor e, depois, segura uma panela vazia e diz: “estão vendo, esta é a nossa comida”. De um momento para outro, estávamos vendo e falando com pessoas em Gaza. Nós, em um chão seguro, eles, retirados das vidas que tinham, em tendas, sob o céu de um futuro incerto (Figura 8).

Mahmoud quer tirar sua família de Gaza e gostaria de contar com a ajuda diplomática do governo brasileiro para isso, assim como muitos palestinos que vivem hoje no Brasil. Enquanto sua esposa veio no terceiro voo de repatriados, por ter família direta no país; Mahmoud teve que fazer essa jornada, cheia de percalços, por conta própria. Primeiro, conseguiu chegar ao Egito, indo depois para a Turquia. No aeroporto de Istambul, não conseguiu embarcar “porque era palestino”, sublinhou. Foi preciso ir até o

Qatar para voar ao Brasil. “Há grande dificuldade de conseguir embarcar em voos, pelo fato de ser palestino”, completou Rawan.

Figura 8 – Mahmoud Hammad e sua mãe na tela do celular.



Mahmoud e Rawan conheceram-se em Gaza, mas, com a guerra, os arranjos do casamento tiveram que ser suspensos. A cerimônia ocorreu em uma mesquita em São Paulo, no ano passado. A entrevista que nos concederam contou com a participação da pequena Emily, de apenas sete dias, que seguravam com grande afeto. “Estou radiante de ser mãe de uma brasileira”, nos disse Rawan, “aqui no Brasil, o ser humano tem valor” (Figuras 9 e 10).

Figuras 9 e 10 – Mahmoud Hammad, Rawan Rabee e Emily Hammad



Hospitalidade e as “mãos de ouro” de Nabila

Em todas as casas e espaços que visitamos, fomos acolhidos com grande amabilidade. Adentramos em suas moradas, perguntamos sobre suas vidas, vasculhamos suas lembranças e, quando mal esperávamos, víamos a mesa posta com comidas e bebidas, que nos eram servidas com gentil insistência e generosidade. Edward Said (1999, p. 58), em *After the last sky*, já havia escrito sobre a presença desses “rituais” de oferta de alimentos em torno da mesa ou de algum espaço central nas casas: “Onde quer que haja palestinos, os mesmos sinais de hospitalidade e oferecimento continuam aparecendo”.

Provamos uma variedade de sabores, como doces, coalhada seca, pão, chá, café, beringela frita, purê de batata e molho de tomate. A respeito do uso de pimenta na culinária árabe, a família de Ramadan nos contou uma piada: “Se você for à feira e não tiver mais pimenta, é porque um palestino passou antes por lá” (Figuras 11 e 12).

Figura 11 – Reem Rabee.



Figura 12 – Inshirah Abed

Em nossa “Expedição Palestina”, conhecemos também Riyard Bader e sua esposa, Nabila Bader. Ambos chegaram no terceiro voo de repatriados. Riyard é costureiro por ofício, e há mais de 40 anos trabalha com diferentes tipos de roupa. Eles nos contam:

Riyard: Em Gaza, eu era costureiro. Costurava seda, roupas de criança, tudo. Tinha uma fábrica. Tudo foi demolido, nossa casa e a fábrica.

Nabila: Não sobrou nada lá. Eu tenho uma filha que teve bebê em Gaza e eles não têm o que comer. A gente quer trazer a família para cá.

Riyard: Comecei a trabalhar na década de 1980 na confecção de roupas. Todo o filho que não vai bem na escola, o pai tira e põe para trabalhar. Comecei a trabalhar em uma fábrica e aprendi. Foi na prática. Gaza era famosa pelas roupas. Em Gaza, havia os melhores costureiros do mundo.

Visitamos o interior da casa, onde ambos costuram, e, em seguida, paramos na cozinha para apreciar o doce recém-preparado por Nabila. Provamos e, ao notar nossa admiração, contou: “Minha avó dizia que eu tinha mãos de ouro, porque toda comida que eu preparava ficava boa” (Figuras 13 a 15).

Figura 13 – Riyad e Nabila Bader



Figuras 14 e 15 – Riyad e Nabila Bader



Fotografando a equipe

Como procurei salientar, logo no início deste relato fotográfico, o que nos fez dar vida a esta “Expedição Palestina”, realizada não tão longe de nossas próprias casas, foi o reconhecimento do legado deixado por Edward Said, que tanto insistiu acerca da importância de permitir que os palestinos falem e retratem a si mesmos. Evidentemente, ao longo desta curta jornada, registramos muitos depoimentos, mas tivemos que escolher um fio condutor que possibilitasse uma sequência textual, o que vale, igualmente, para as fotografias.

Para concluir, escolhemos duas fotografias. A primeira mostra o jovem Zayed Abo Taha, tirando uma foto, a nosso pedido, da equipe que deu forma à “Expedição Palestina”, em uma menção direta ao final de *After the last sky* (Said, 1999), que encerra suas páginas com uma imagem de duas crianças “fotografando o fotógrafo” (Figura 16).

Figura 16 – Zayed Abo Taha



Já a última traz uma frase escrita em árabe, sem autoria, na parte interna do alojamento, em Morungaba. Escolhemos simplesmente porque nos fez sorrir, por sua ternura e pela esperança ali contida. Traduzida para o português, significa: “Eu te amo, xuxu” (Figura 17).

Figura 17 – “Eu te amo, xuxu”.



Referências

- SAID, E. *After the last sky: Palestinian lives*. New York: Columbia Press, 1999.
- SAID, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAID, E. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SAID, E. Permissão para narrar. *Pensata*, Guarulhos, v. 13, n. 1, 2025.